

AGRUPAMENTO OU INTERCONEXÃO?

Vilém Flusser

A pergunta sobre a situação da sociedade de informação só pode ser respondida quando tivermos chegado a um consenso sobre o significado do conceito em questão. Se considerarmos que por «sociedade de informação» se entende a estrutura social em que a produção, tratamento e distribuição de informações assume uma posição central, então a resposta à pergunta tem de ser: a sociedade de informação está há várias décadas em desenvolvimento, surge a partir da sociedade industrial e começa a tomar o seu lugar. É imediatamente perceptível devido ao facto de cada vez menos pessoas trabalharem na área do processo industrial (no «sector secundário»), e cada vez mais trabalharem na área do processo da manipulação de informação no sentido mais lato (no «sector terciário»), e no facto de haver áreas nas quais o sector informativo detém já a absoluta maioria dos postos de trabalho. Se, pelo contrário, considerarmos que «sociedade de informação» é aquela forma de estar na qual o interesse existencial se concentra na tro-

ca de informações com outros, então a resposta a esta pergunta tem de ser completamente diferente.

Embora estejamos muito longe de perceber realmente o aparecimento da sociedade de informação no primeiro sentido, e muitas coisas interessantes e inclusive estimulantes podem ser ditas a este respeito, este trabalho limitar-se-á à observação da sociedade de informação no segundo sentido.

Para nos aproximarmos mais do sentido aqui referido de «sociedade de informação», é necessário reformular a questão da problemática social. Tradicionalmente estamos habituados a questionar a relação entre pessoa e sociedade como se houvesse de um lado pessoas e do outro sociedades e estas duas unidades pudessem relacionar-se uma com a outra de diferentes maneiras. Se a questão for vista assim, subsistem perguntas do género: «Esta sociedade é boa para as pessoas?» e: «Esta pessoa é boa para esta sociedade?» (Do ponto de vista político, primeira pergunta corresponde à direita, e a segunda à esquerda.) Logo que se vê a questão de mais perto, reconhecem-se nela erros ocultos. Não há sociedade nenhuma sem pessoas, não há pessoas fora duma qualquer forma de sociedade. Por esse motivo, os conceitos de «pessoa» e de «sociedade» não podem ser vistos separadamente; se, no entanto, isso se verificar, trata-se então de abstrações. Não se trata de que as pessoas e as sociedades possam relacionar-se entre si, mas de que há um campo de relações a partir do qual podem ser extrapolados por um lado «pessoas» e por outro «sociedades». Não é a pessoa ou a sociedade que são concretos, mas sim o campo de relações, a rede de relações intersubjectivas.

Percebendo isto e partindo deste princípio, então diversas categorias tradicionais terão de ser repensadas. Por exemplo, a questão da infraestrutura e superestrutura da

sociedade. A questão se a economia, a religião, a classe, a nacionalidade ou outra coisa qualquer representam a infraestrutura ou a superestrutura da sociedade perde o sentido, quando se percebe que as relações inter-humanas são a infraestrutura a partir da qual podem aparecer os indivíduos e a sociedade. Esta ideia, segundo a qual o nosso ser concreto é constituído pelos fios que nos ligam uns aos outros, segundo a qual (pondo a questão por outras palavras) a comunicação é a infraestrutura da sociedade, leva à construção da sociedade de informação no sentido aqui referido. Com base nesta ideia é decisivamente obrigatório aspirar a uma forma de sociedade onde cada um se realize através da troca de informações com os outros.

Dito assim, parece óbvio. «Sociedade» significa a estratégia, graças à qual esperamos realizar-nos através da troca de informações com os outros. Pensando melhor sobre o assunto, não só isto não parece óbvio, como completamente utópico. Uma realização recíproca com outros e noutros pressupõe a existência duma abertura entre os diferentes participantes, uma entrega de um ao outro. Mas uma tal condição não existe. Antes pelo contrário, o que predomina é a tendência da afirmação própria e não a da abnegação, a tendência do encapsulamento dos outros no seu próprio Eu e não a do reconhecimento dos outros. Perante tais considerações, já não parece que a construção duma sociedade de informação no sentido aqui referido seja óbvia, parecendo sim tratar-se duma tentativa utópica e sem esperança. Mas de repente aparece o desenvolvimento técnico que dá pelo nome de **telemática**. Neste caso, trata-se duma técnica que, pelo menos na sua intenção latente, parte do princípio da construção da sociedade de informação aqui referida. Assim sendo, a reflexão tem agora de se centrar na telemática.

A palavra compreende o prefixo «tele» e o sufixo «mática». O prefixo significa a aproximação daquilo que está longe, como é evidente no caso do telescópio e do telefone. O sufixo remete para a palavra «automático», que significa mais ou menos «auto-movimento». Por conseguinte, a palavra «telemática» pode ser definida como uma técnica para a auto-aproximação de algo que está longe. Uma tal definição corresponde totalmente ao espírito da sociedade de informação aqui referida. Telemática é então a técnica, graças à qual podemos aproximar-nos uns dos outros sem termos para tal de fazer qualquer esforço. É a técnica em cujo processo são produzidas as condições para uma sociedade de informação no sentido aqui referido, através de aparelhos que realizam automaticamente a abertura entre uns e outros, o reconhecimento de uns nos outros, através de aparelhos como os telefones, terminais de computador com cabos reversíveis e faxes. Dito de outro modo: telemática é a técnica que torna possível a utópica construção duma sociedade para a realização de um no outro, que possibilita a sociedade de informação no sentido aqui referido num futuro previsível.

Todavia a questão não se compreende assim tão facilmente. Há duas dificuldades ligadas ao conceito de «telemática». A primeira está na ideia de «si próprio» e a segunda na palavra «proximidade». É necessário encará-las de frente. Graças a inúmeras análises é cada vez mais claro que o conceito de «si próprio» e todos os seus sinónimos (como identidade, individualidade, e também espírito e alma) não significa qualquer facto, mas algo apenas virtual. Quando me analiso a mim próprio (dou uma cambalhota sobre mim próprio) chego à conclusão de que «Eu» significa aquele ponto abstracto ao qual se enlaçam relações concretas. «Eu» é o nome que designa relações convergen-

tes, e quando lhe são retiradas todas as relações, umas a seguir às outras, então não resta mais «Eu» nenhum. Dito de outro modo: «Eu» quer dizer que outros dizem «Tu» quando a ele se referem. A sociedade de informação seria então uma estratégia para a realização da virtualidade «Eu» na virtualidade «Tu», ou seja, para eliminar a ideologia de um Eu a favor do reconhecimento de que existimos uns para os outros e não cada um para si próprio. E a telemática seria, por conseguinte, a técnica que daria origem automaticamente à eliminação do Eu a favor da realização intersubjectiva.

Uma tal Antropologia, segundo a qual somos nós de relações que apenas se tornam reais na nossa relação com os outros, coloca a questão da proximidade numa forma peculiar. A proximidade não é, por conseguinte, a função de qualquer distância espacial ou temporal, mas a função do número e da intensidade de relações que nos ligam uns aos outros. Quanto mais estou ligado a alguém, mais próximo estou dele, independentemente da distância espaço-temporal que nos possa separar. Este novo conceito de proximidade conduz necessariamente a uma ética específica. Quanto mais próximo alguém está de mim, quantos mais laços o ligam a mim, maior é o número de informações que correm entre nós, ou seja os discursos e as respostas que oscilam entre nós. Quanto mais próximo alguém estiver de mim, maior é a responsabilidade que temos um pelo outro; pelo contrário, quanto mais afastados mais vagas e débeis as responsabilidades. Uma tal ética contradiz o humanismo com a sua exigência de valores gerais válidos sem ter em consideração a distância. Mas corresponde ao Cristianismo-Judaísmo com a sua exigência de amor ao próximo, não de amor à humanidade. A sociedade de informação aqui referida seria uma rede intersubjectiva, on-